



# O DESPERTAR

BOLETIM DE INFORMAÇÃO E DOCTRINA

Órgão Oficial da Igreja Lusitana

Director — L. DE FIGUEIREDO — Calçada das Lages, 6 — Lisboa  
 Redactores — A. FERREIRA ARBIOL — Rua do Cativo, 6 — Porto  
 SAUL DE SOUSA — Rua A. V. - Lote 2, r/c-D. — Vila Franca de Xira  
 Administrador — JOAQUIM DE PINA CABRAL — Sto. Ovídio — V. N. de Gaia  
 Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. - Vila Franca de Xira

## Naquela Noite

Revmo. Bispo-Eleito Dr. Luís Rodrigues Pereira

«**N**AQUELA noite (disse o Senhor a Moisés) passarei pela terra do Egipto e ferirei na terra do Egipto todos os primogénitos»... E o sagrado texto diz mais adiante: «Esta noite se guardará para o Senhor, porque nela os tirou da terra do Egipto; esta é a noite do Senhor».

Noite memorável aquela, que marca a redenção de Israel, a sua «aquisição» pelo Senhor.

E' verdade que dali até entrar na «terra prometida» ainda havia muito que andar, que aprender e que sofrer. Mas desde aquela noite a vitória sobre o Egipto estava ganha; começara nova existência para o Povo eleito.

Séculos depois, naquela noite, quando em Jerusalém tantos se haviam reunido para comemorar a Páscoa, (isto é, a «passagem» do Senhor pelo Egipto para libertar Israel) Jesus, reúne os Seus discípulos e institui novo Memorial; este, como a Páscoa, constituído por uma refeição, a «Ceia do Senhor», em que pão e vinho eram participação do Seu Corpo e do Seu Sangue (I Cor. 10:16).

Naquela noite prenderam-n'O e após um simulacro de julgamento, no dia seguinte crucificaram-n'O; e Ele expirou na cruz à mesma hora em que no Templo de Jerusalém se imolavam os cordeiros para a celebração da Páscoa dos Judeus.

No Domingo de manhã, quando muito cedo vão ao sepulcro, onde haviam posto o Seu corpo, este estava vazio. Naquela noite ressuscitara; a morte não O pudera reter; a morte fôra mortalmente ferida naquela noite, como os primogénitos do Egipto...

O Senhor depois de ressuscitar apareceu aos Seus discípulos e abriu-lhes o entendimento para que compreendessem as Escrituras. E então os discípulos, à luz das velhas narrativas sacras, descobriram o verdadeiro sentido do que se passara, tanto no Egipto com seus pais, como agora em Jerusalém.

E' assim que S. Paulo exclama: «Cristo, o nosso Cordeiro pascal, foi imolado por nós, por isso celebremos a festa... com os asmos da sinceridade e da verdade»; e S. Pedro, na primeira Epistola que tem o seu nome (e que modernos exegetas consideram constituída em grande parte por uma homilia de Vigília Pascal) lembra aos fiéis: «Fostes resgatados... pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo».

E desde tempos muitos remotos a Igreja celebrou a sua Páscoa, guardando uma noite de vigília. Naquela noite os catecúmenos eram baptizados e confirmados, seguindo-se a grande Comunhão

## A propósito da existência duma civilização "cristã"

Rev. Eduardo Moreira

O eminente ensaísta sr. dr. António Sérgio, que todos honram, uns com o silêncio, talvez porque o temem, outros com admiração, porque sempre dele aprendem, e com esses eu enfileiro, tem desenvolvido um tema que muito nos interessa, como cristãos confessos: se existe na realidade uma civilização cristã. Num opúsculo que devo à sua gentil amizade, ele o nega, com cópia de argumentos e clareza de exposição, suas características. Iremos acompanhá-lo com o respeito que nos merece, para chegarmos, o leitor e eu, a uma conclusão consciente acerca desse para nós inspirador assunto.

«Cristão» foi alcunha de escárneo que em Antioquia (Actos Ap. 11:26) estranhos à Mensagem de Jesus Cristo aplicaram aos Seus discípulos, quando ao conjunto desses, ou «igreja» (então vocábulo genérico) se chamava «o Caminho» (Actos cap. 19: 9 e 23; cap. 24: 14 e 22). Tão expressivo era o termo «christianos», para os que viviam na saudade do Mestre inigualável e desejavam ser Suas testemunhas (ou «mártires»), que vingou e se universalizou em dezanove séculos de triunfos e derrotas, de traições e de heroicidades: desde Judas a milhões de Judas, desde o mártir Estêvão a inúmeros mártires.

Havia no ideal surgido uma feição inteiramente pessoal de remodelação da vida, a que se chamou «conversão», tão prática que na sogra de Pedro, curada da febre, a levou ao imediato serviço; na Samaritana, sem mandato expresso, após a prova oral da «água viva», levou a dessedentada a anunciar aos outros onde estava a Fonte; em Lídia a Purpurária a

(Continua na pág. 10)

(Continua na pág. 4)

# NOTAS E COMENTÁRIOS

Paulo Agostinho

## Bom senso ou uniformidade forçada?

Tem sido motivo de amena controvérsia nos bastidores eclesianos, alguns aspectos relativos a pontos não fundamentais, que, duma forma ou doutra, se tem manifestado. Esta controvérsia é porém salutar e caracteriza o ambiente liberal, nascido da Reforma, em oposição a Roma absoluta e despótica. E caracteriza igualmente o catolicismo da Igreja primitiva, que Santo Agostinho definiu na sua máxima de síntese extraordinária, e que a Igreja Lusitana adoptou para seu lema. Ou não fosse ela católica!

Esta controvérsia incide sobre certos usos tradicionais do culto, nos limites em que a tradição pode ser dinamismo e não paixão recalcada que atrofia ou sentimentalismo mórbido que cega. E se esta controvérsia for feita com prudência, sabedoria e espírito são, muito a Igreja pode ganhar. Não duvidamos que as manifestações religiosas mantidas através dos séculos, e nos referimos apenas às que não bulêm com a ortodoxia evangélica, mesmo essas, têm de ser revistas à luz dos tempos modernos e tratadas com maestria, «bom senso e bom gosto», porém não com intolerância, ideias preconcebidas ou negativismos dogmáticos.

De facto, se, neste ou naquele sector, o gosto se inclina num certo sentido tradicional, resultante dum dos princípios da Reforma, o de continuar a Igreja histórica, mais vincado em certos países do que noutros, como por exemplo sucedeu na Inglaterra com a Igreja Anglicana, se essa tendência se manifesta, não deve ser origem de agravos, nem razão para que outrem suspeite, o que só mostra ignorância.

Na evolução destes aspectos controvertidos, sem dúvida, está sempre o consenso da Igreja que a governa, a orienta no sentido espiritual da religião, que é, em definição, a união íntima do homem com Cristo, o Filho do Deus Vivo. E em Cristo vitorioso das limitações terrenas, da nossa miopia anímica, está, no final, união e amor. Não há que recear. A Igreja, esposa mística de Cristo, é o centro onde convergem todas as vontades, todas as vidas ligadas entre si pelo Espírito Divino.

Na unidade que objectivamos não procuramos no que é secundário (para quê?) um acordo total, uma uniformidade dogmática. Esta só gerou, no passado, inquisições, fanatismos, intolerâncias. Temos lição bastante.

A Igreja Lusitana, consciente da sua posição dentro dos princípios católicos da Igreja primitiva, apresenta-se ao povo, tal qual é — *Tradicional, Liberal e Una*. Mas não procura uma uniformidade forçada. E nisto estamos, na mesma ordem de ideias, com as Igrejas Irmãs da Comunhão Anglicana. Ou não fossem elas também católicas...

Sobre este assunto, oiçamos, finalmente, o que nos diz o Bispo D. Plínio Simões da Igreja Episcopal Brasileira, na passagem que transcrevemos a este respeito e que extraímos da tese que apresentou no 1.º Congresso desta Igreja, em Junho de 1960:

«Não será preferível que cada qual tenha liberdade de seguir os impulsos da sua própria consciência, dentro da variedade oferecida pela nossa Igreja, a que se imponha uma uniformidade, que nos colocaria oficialmente, de um ou doutro lado, muito antes de termos podido chegar a um acordo?»

Que o bom senso do eclesiano que nos escuta, francamente responda.

## Sentido Católico...

Temos empregado muitas vezes estas palavras ao referirmos à evolução das ideias em certos sectores da Igreja Reformada. O seu significado deve ser familiar à maioria dos seus membros. Encontramos, porém, com surpresa, pessoas que parecem ainda ficar atónitas, na suposição de que nos queremos referir à Igreja Católica Romana. Oh santa ingenuidade!

A semântica, é certo, alterou o verdadeiro sentido desta palavra, fazendo-a restringir «tout court» à designação dum único sector do Cristianismo. Mas ela teve origem na Igreja primitiva, da qual os outros sectores também sucedem. Mas mais. O que é de certo modo relevante e o que importa dizer, é que o seu significado vai além da derivação etimológica do vocábulo. Exprime de facto algo de mais forte e profundo na acção da Igreja, do que o simples nome de «universal». O que significa, na verdade, é que na sua expansão pelo mundo, no objectivo de pregar o Evangelho a toda a criatura, a Igreja não distinguia raças, nem condições sociais, nem senhores, nem escravos, nem impérios, nem simples países, nem pequenas comunidades. Aos homens, que considerava iguais, expunha o Evangelho da Salvação na forma que os concílios iam determinando. Apresentava a todas as Igrejas, ao tempo independentes, os mesmos livros santos, considerados divinamente inspirados e, como tais, regra absoluta de Fé, os mesmos credos, a mesma estrutura litúrgica, as mesmas ordens eclesásticas.

Entre as ordens estabelecidas o episcopado manifesta-se com autoridade apostólica, e é por todos reconhecido e acatado. E nestes requistos, reside a sua força de expansão.

Em resumo: — É pois neste sentido que falamos, ao empregar o termo «católico» isto é, na doutrina da Igreja que presidiu à expansão do Evangelho por toda a Terra e a todos os homens e cujas bases assentavam na Bíblia, nos credos, na litúrgia, nos sacramentos e no episcopado apostólico.

## III Assembleia do Conselho Mundial das Igrejas

Está marcada para este ano a III Assembleia do C. M. I., a qual se realizará em Nova Delhi, de 19 de Novembro a 6 de Dezembro, e cujo lema é: «Jesus Cristo, Luz do mundo». Está já publicado o programa dos assuntos que se irão estudar. O conselho convida todos a assistir. E acrescenta, pela boca do seu secretário geral, o Pastor Visser't Hooft: «Por favor não tomeis este convite à letra. A sala onde nos va-

mos reunir é bem vasta, mas não cabemos lá todos. O que queremos dizer, e com firmeza, é que temos necessidade da vossa presença espiritual. A vida real das Igrejas localiza-se nas comunidades, no culto, no trabalho e na vida comum dos seus membros. Desde que a vossa paróquia empreenda um estudo e a discussão dos temas que vão ser apresentados nesta assembleia, a vossa participação torna-se efectiva».

Os assuntos a tratar são os seguintes:

1.º — *A Glória de Deus*. Eze. 1: Gén. 1; 1-5. 2.º — *O Despontar do Dia*. Isa. 9: 1-7; Luc. 4: 14-30. 3.º — *Rei Servo*. Isa. 49: 1-7; Phi. 2: 1-18. 4.º — *Luz dos Homens*. João 1: 1-18. 5.º — *A Vitória da Luz*. João 12: 20-36; Col. 1: 9-20.

Que todas as igrejas possam promover reuniões de discussão, visando os assuntos propostos. Tomarão assim parte activa neste esforço ecuménico, a III Assembleia do C. M. I., que reunirá representantes de 178 Igrejas, ortodoxas, velho-católicas e reformadas. E Deus as ajudará.

As outras duas Assembleias realizaram-se, a I em *Amsterdão* em 1948. Aí as Igrejas afirmaram a sua convicção de que Deus as havia reunido. A II em *Evanston*, seis anos mais tarde, em 1954. Aí proclamaram a sua intenção de ficarem reunidos sob a autoridade de Deus. Nesta III, em *Delhi*, sem dúvida, os delegados se reconhecerão gratos a Deus pelas bênçãos concedidas, e pela maior de todas, a comunhão entre os cristãos. E, conduzidos pelo Santo Espírito, se prepararão para continuarem no futuro firmes na sua vocação de unidade, testemunho e serviço.

## Conselho Mundial das Igrejas

Creemos que nem todos conhecem a evolução dos organismos inter-eclesásticos, até se chegar ao presente C. M. I. Este movimento começou, pode dizer-se, pela Grande Conferência Missionária de Edimburgo, em 1910, achada necessária então, pelas dificuldades que as divisões da Igreja faziam surgir às missões. Desta derivaram depois três organismos:

1.º — *Conselho Internacional das Missões* — que correspondia às necessidades dos missionários.

2.º — *Fé e Constituição* — que fazia face aos desejos de uma Igreja unida.

3.º — *Cristianismo prático* — que estudava os problemas práticos e sociais do mundo moderno.

Em 1948, depois da II guerra mundial, em Amsterdão, o 2.º e 3.º organismos fundem-se para dar lugar a um só movimento, «*O Conselho Mundial das Igrejas*».

Em Dezembro de 1961, em Nova Delhi, por altura da III Assembleia, o Conselho Internacional das Missões reunir-se-á, por sua vez, ao C. M. I., ficando toda a acção ecuménica reunida numa só organização.

(Continua na pág. 10)

# A Bem-aventurada Virgem Maria

Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral

No entrechoque das ideias e atitudes de que a Cristandade sempre tem sido teatro (valor bem positivo da sua vida espiritual) a perturbação e a insegurança vêm afligir muitas pessoas sinceras e amantes da verdade. Se um grupo argui outro de heresia ou traição quanto a determinado ponto da doutrina ou da prática, a reacção provocada tende a criar no atacado um desequilíbrio, e vê-se que, para se defender, este se refugia numa posição mais extremista do que aquela em razão da qual sofrera o ataque. A acusação não aproxima, mas origina uma retracção da suposta ortodoxia anteriormente assegurada. São exemplos deste fenómeno as posições tomadas quanto à Presença Real de Cristo na Eucaristia, bem como quanto à Pessoa e missão da Bem-aventurada Virgem Maria. Desta última nos ocuparemos agora.

A Igreja Lusitana, na sua fidelidade ao catolicismo primitivo, tem como princípio dominante não se deixar levar para os extremismos, quando incompreendida por *Roma* ou por *Genebra*. Se *Roma* nos acusa, não nos deixaremos levar para os extremos do protestantismo; se os mais radicais protestantes nos atacam, não nos refugiaremos em *Roma*. Isto nos vem de adoptarmos como norma de fé e de conduta, não o individualismo no entendimento da Bíblia, nem o sentimentalismo popular consagrado no gosto, individualista também, de um chefe tido como infalível; mas, sim, de um fiel apego às Sagradas Escrituras, no consenso tradicional dos Padres Primitivos e dos Concílios Ecuménicos. Temos, assim, uma objectividade normativa, que se impõe ao entendimento individual, e aos sentimentos colectivos, de origem nem sempre a mais pura.

Quanto à Bem-aventurada Virgem Maria, a Igreja Lusitana mantém por ela aquele venerante affecto, repassado de ternura e de grato amor, que os próprios evangelistas lhe votaram e a Igreja Primitiva

sempre lhe tributou. Basta citar os dias santos que o Livro de Oração Comum lhe consagra, e as referências expressas a ela feitas nos officios de Matinas e de Vésperas. São atitudes de honra e respeito em que a Igreja afirma a sua grata lembrança dessa santíssima figura humana, tão intimamente ligada ao Salvador.

Não deixamos de honrar a Mulher que Deus enalteceu pela voz do seu anjo: «*Avé Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo bendita és tu entre as mulheres*»; a nossa geração tem de lembrar a Mulher a quem «*Todas as gerações chamarão Bem-aventurada*»; amamos com gratidão a Mulher que aceitou o vitupério para nossa felicidade eterna, dizendo submissa a Deus: «*Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segunda a tua palavra*»; não podemos ignorar os sofrimentos da Mulher cujo coração foi traspassado pela espada de Deus, a espada que nos deu a vitória. Se o fizéssemos, trairíamos o puro Evangelho de Cristo.

Maria de Nazaré não era um ser autómató, sem alma e sem vontade; mas uma pessoa livre, esclarecida e temente a Deus. Foi livre e esclarecidamente que ela aceitou as dores de cooperar com Deus no Seu plano da nossa salvação. Desconhecê-la, riscar e seu glorioso nome do nosso culto ao Deus que nos salvou, no uso da sua submissão voluntária, seria pecado de ingratidão. Com este pecado na alma não honraríamos devidamente o Senhor Jesus Cristo, que, na Cruz, no acto culminante da nossa expiação, soube confiá-la ao discípulo amado, proferindo as palavras que, legitimamente, escutaremos como para nós: «*Filho, eis aí tua mãe*». Com o Apóstolo, proclamamos: «*A quem honra, honra*».

Quereríamos que os nossos irmãos católicos romanos nos entendessem bem e nos não assacassem falta no respeito que se deve à Mãe de Jesus. Não somos nós

quem dá de menos: parece que *Roma* é que quer demais.

Em certo país havia um rei muito estimado e respeitado por todos, e tanto que alguns dos seus súbditos, por uma desmedida e mal orientada dedicação, começaram a espalhar ser o rei um quase Deus, de modo que todos o deviam adorar nas igrejas e a ele pedir o que de Deus quisessem, porque ao seu coração bondoso Deus prontamente ouviria. A ideia encontrou acolhimento na tendência pagã do povo e o culto do rei, como quase Deus, ganhou muitos fiéis. Outros súbditos, porém, recusavam-se a aceitar tal doutrina, dizendo que amavam e respeitavam o rei, como bom rei que era, mas não como quase Deus que os primeiros queriam que fosse. Os ânimos exaltaram-se e começou um conflito nesse reino, com graves calúnias e deturpações, como sempre sucede em tais casos. Os súbditos idólatras acusavam os adversários de falta de amor e respeito pelo rei; e estes, por sua vez, dividiram-se: uns continuavam a amar o bom rei e davam-lhe todas as honras a que um monarca tem direito; outros, no medo legítimo de que o povo fosse levado ao culto de um ser humano, fizeram-se republicanos.

Onde estava a razão? Onde se conservava o verdadeiro e antigo respeito pelo rei? Decerto que em nenhum dos extremos. Quem fazia do rei um quase Deus, com querer louvá-lo muito, só o prejudicou, porque a seu respeito fez guerra civil no país, com mortes e azedumes; quem queria acabar com o rei, embora fosse por amor a Deus, também agravou o reino, porque subverteu a ordem das coisas que o próprio Deus quisera. A razão e o bom senso estavam naqueles que honravam o rei como rei, e adoravam a Deus como Deus.

É assim que nesta Igreja fazemos acerca da Virgem Maria: honramos-la como Mãe do Senhor, mas só ao Senhor adoramos, só no Senhor confiamos, porque só o Senhor nos salvou.

Ao procedermos deste modo, a pormos só em Cristo toda a nossa esperança de Salvação eterna, ao ensinarmos ser idolatria desviar para a bendita Mãe de Jesus a confiança dos corações humanos como se Jesus nos não fosse mais acessível — afinal cumprimos a ordem da própria Virgem Maria: «*Fazei tudo quanto Ele vos disser*». E que

(Continua na pág. 8)

## A propósito da existência duma civilização "cristã"

(Continuação da 1.ª página)

fez dizer, como nobre exemplo de hospitalidade: se haveis julgado que sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa e aí ficai». Act. 16: 15).

Mas havia também um impulso colectivo, um esforço cooperativo que esmalta o texto do Novo Testamento com o estribilho conclusivo e «contagioso»: «uns aos outros». Procuremo-lo, e veremos o que é o amor fraterno, tal «como Ele nos amou»; a obediência, a lealdade e a honra mútuas; e até a função servil de lavar os pés, que hoje se imita tanto em cerimónias, perdidas numa dramatização de efeito longínquo, como na prontidão humilde que esquece barreiras de classe, de raça, e de toda a invencionice da vaidade humana.

É isto civilização cristã? Cada vez que um de nós aceita a cidadania em Cristo, está criando «civis» cristã, mas para realizar no futuro, visto que por enquanto o que há é luta. Isto me faz evocar a orgânica inicial do Império de César, onde só havia direito de cidade adentro da Urbe, enquanto se combatia para conseguir a assimilação dos bárbaros. No Orbe em luta não se reconhecia a civilização estável, perfeita segundo o tipo imaginado. «Império» parece-me que era isso: autoridade militante com objectivo civilizador. Tomo isto como exemplo ilustrador. A Cristandade, imperfeita e dividida, como era o império, ainda hoje é um campo de luta, com os mais nobres desígnios e tantas vezes com as mais condenáveis realizações, na contemporização com as forças adversas ou no esquecimento dos seus próprios ideais.

A essa civilização que aí vemos, o cristianismo, se não a criou desenvolveu-a. Não é ocidental porque se expandiu pelos quatro ventos da Rosa e encontrou resposta nas sete partidas do mundo. Quanto a ser cristã, em perfeito sentido, só o seria, primeiro por se encontrar esboçada na Lei antiga que, como todos sabemos, é um precristianismo. O mosaísmo era messiânico. Segundo porque a originalidade do Evangelho está, em grande parte, no apelo às virtudes

latentes no homem, mau grado a perversão geral. Cristo, ao acordar o «pneuma» o sopro divino em cada um, sublima e depura a sua «psique», carregada de taras ancestrais. Foi assim que o melhor do Helenismo entrou na nova teologia e o pior do farisismo se foi expurgando.

Terá a semântica desviado o sentido do étimo «civis» ao ponto de não vermos nele a cidade em que todos cedemos para todos lucrarmos? Creio que não. São Paulo diz que «a nossa cidade está no céu» (Filip. 3: 20); mas ele mesmo invocou, em determinada altura, e num pragmatismo tão inteligente, tão próprio da sua maneira de ser, os direitos que tinha de cidadão romano. Logo, a cidadania celeste, ideal, espiritual, não excluía nem prejudicava, antes exalçava e depurava a cidadania terrestre.

De facto, nada há criado pelo homem que jamais tenha correspondido ao que o mesmo homem idealizou. Todos os planos se têm gorado, ao menos em parte, todas as iniciativas se têm corrompido, todas as instituições têm faltado aos seus estatutos. Porque no íntimo de cada idealista se trava a luta com elementos que envilecem o seu ideal, e no meio de cada agrupamento surge o parasita, ou o impostor, ou o mandão, ou o fanático, negações práticas do primeiro impulso.

Ao considerar os fracassos morais da Humanidade poder-me-ia assaltar o desejo de me demitir da espécie humana, o que seria manifestação de insanidade mental. Ora o mesmo se poderá dizer da Renascença, caída em sensualismo supinamente dissoluto; da Reforma excedida por variadas seitas frustradas; das revoluções que preconizavam uma justiça social na falta duma caridade cristã (fraternal e não «burguesa» de contágotas), criadoras em geral de burocracias corruptas e devoristas. E todavia, quanta soma de progresso moral, lento mas real! Até progresso na crítica dos estranhos aos ideais, que na ética dos mesmos ideais aprendem a censurar a realização precária!

S. Paulo afirmou a existência dum Reino de Deus que «não é comida nem bebida, mas justiça, paz e gozo no Espírito Santo» (Romanos 14: 17); e Jesus Cristo comparou esse reino ao campo dum fazendeiro que depois da sementeira dormiu e ao acordar verificou que o inimigo semeara cisânia entre o trigo. Então, num ápice de tempo que pode ser de milénios, deixa o Senhor do campo que cresçam ambas as sementes para não arruinar a boa.

Haverá, pois, razão de chamar a este duplo desenvolvimento «civilização cristã»? Não parece. Ocidental também é qualificativo inadequado, como vimos, porque os meios de intercultura e de viação transmundial não o justifica perfeitamente. Nem pela sua origem. Se quisermos buscar termo justo, ao considerarmos a escravatura branca e preta a par da terna protecção aos animais; os salamaleques entre chefes de Estado de reconhecida moralidade e outros, notáveis escravistas e superpolígamos; os cursos eugenistas de alto nível e os concursos de beleza, de ridículo significado, e tantas outras coisas paradoxais, a melhor designação que encontro para esta civilização é — cristano-pagã; ou pagano-cristã. Porque, em nome do trigo, radiologistas perdem lentamente os dedos; missionários romanos ou reformados dão a vida própria para melhorar um pouco a vida alheia; mães obscuras, de variadas crenças, continuam, como sempre, a viver para os seus filhos; e em nome da cisânia sábios sisudos estudam a maior eficácia da guerra biológica e química, e o aperfeiçoamento de explosivos que matem duma vez um terço dos seres vivos, na realização literal do Apocalipse. E isto são poucos exemplos ilustrativos do que se passa no globo, onde «o Reino dos Céus está no meio de nós» mas onde Satã, o adversário do Bem Eterno, é «Príncipe deste mundo». Outra coisa é a Igreja, instituição divina de origem, mas humana, por ser constituída por homens. O fenómeno — Reino dos Céus actua no instituto — Igreja.

Ainda há pouco um querido amigo nos lembrava que quando os soviets encerraram centenas de igrejas locais, a Igreja persistiu no seio das famílias ortodoxas. Igreja imperfeita? Sempre, decerto. Mas a luz não se apagou. Acimadas lamparinas a iluminar os

íconos havia e há, lá como aqui, verdades lucilantes mas persistentes, nas consciências de muitos. Ou grãozinhos de sal impedindo a «carne», que somos nós todos, de se putrefazer.

Carne e sal no mesmo ser. Luz e treva, no mesmo íntimo; eis o que somos.

Quando Tirídates da Arménia, no século 3.º, foi evangelizado por Gregório, ou Savórico, resolveu, na sua formação de autocrata, que todo o reino fosse cristão, a Igreja dilatou-se artificialmente, imperfeitamente, mas houve um ambiente que a muitos foi benéfico, ainda que a muitos outros fosse prejudicial. Eterno dilema, que se repetiu com Constantino Magno, ainda que esse, ao decretar a liberdade de cultos não se tornou, por essa lei, culpado dos abusos do clero cristão, como alguns querem, mas só se tornou culpado dos seus próprios crimes.

Cristo-ídolo é, como diz sãbiamente o Dr. Sérgio, a negação de Cristo-facto. Sim; mas esclareçamos, por amor de alguém que o não haja compreendido, que o ídolo é muitas vezes abstracto e insensorial, pela negação prática dos que lhe chamem «Senhor, Senhor» (S. Mateus 7: 22-23), ao passo que o Cristo de Velasquez ou o de Dali podem ser de certas sensibilidades, excluída a comunicação idolátrica, um verdadeiro sermão, símbolo de renúncia ao amor-próprio, veneno do amor; de negação da crueldade que foge à responsabilidade; da heroicidade que mata, da economia que acumula ou do prazer que corrompe.

O culto evangélico, o testemunho, a prece, a prática, é um esforço para repor o espírito do Evangelho onde se acumularam superstições anuladoras do raciocínio e da vontade de amar e de servir. Mas para outra vez procurarei tratar esse tema; e assim por agora me despeço.

Eduardo Moreira

### Paróquia do Espírito Santo de Setúbal

#### Campanha Evangélica

De 9 a 16 do corrente mês de Abril, terá lugar nesta Paróquia um série de Conferências religiosas, proferidas pelo seu Pároco, com finalidade evangélica e despertamental. O Revmo. Bispo-Eleito enviou circulares a todas as Paróquias da nossa Igreja, interessando-as nesta obra de despertamento e pedido as suas fervorosas orações pelo bom êxito da campanha a realizar.

## Sinais dos tempos...

Está despertando verdadeira repulsa e indignação no sentimento profundo da Nação Portuguesa, e criando o espírito de união em redor da Pátria, o ataque injusto e malévolos que de vários sectores tem partido contra Portugal, a respeito das suas províncias ultramarinas.

Desconhecedores dos portugueses e da sua História, através de oito séculos, dos seus descobrimentos, da sua implantação pacífica nas terras que iam desbravando, e dos estatutos publicados antes de muitos outros países, estabelecendo a igualdade rática e a igualdade cívica, esses assaltos à nossa unidade são anacrónicos e falham por injustos e deslocados. Portugal é uno e indivisível. Tem tradições nacionais em vários pontos da Terra, e nestes existe o sentimento pátrio bem firme, no coração das suas populações.

A par destes ataques, surge-nos agora o vandalismo terrorista, as horas selvagens que invadem o nosso Território e matam barbaramente cidadãos pacíficos, que tra-

balham em suas senzalas, em suas fazendas.

Dizem os jornais que há portugueses (!) intrometidos nestes traiçoeiros levantamentos e até membros duma ou outra confissão. Será possível? Que triste ouvir tal coisa, ainda que, certamente, se deva tratar de casos isolados de desvairamento dos tempos que passam.

A Igreja Lusitana pede a Deus em seus cultos, todos os dias e, agora, em especial, para que Ele assista aos governantes, com as seguintes palavras do L. O. C., pág. 19: «O' Senhor Omnipotente, Governador do Universo: humildemente Te pedimos que olhes favorável para todos os constituídos em autoridade. Enche-os de tal maneira do Teu Santo Espírito, que todas as suas deliberações sejam para exaltação da Tua glória, para o bem da Tua Igreja e para a prosperidade do país a seu cargo; e concede para sempre à nossa Pátria as bênçãos da paz, do progresso e da religião: mediante Jesus Cristo, Nosso Senhor». Amen.

## Mudança de atitude

Múltiplos sinais indicam, e aqui se tem acentuado várias vezes, que a atitude católica romana em face do problema da unidade dos Cristãos, parece modificar-se pouco a pouco, não atingindo, evidentemente, o que a Igreja Católica Romana julga essencial — a submissão à jurisdição da Sé Romana como condição «sine qua non» — mas dando-se uma mudança na forma de abordar o assunto.

Ainda há pouco, anunciava o semanário Anglicano «Church Times» que o Pe. H. Keldany, capelão da Associação Católica Romana de Newman para licenciados, afirmara: «O Concílio do Vaticano que reunirá brevemente, deve reformar a Igreja Católica, aproximando-a da Igreja do Evangelho — para que nós possamos compreender melhor os nossos irmãos separados, e eles a nós».

Estas palavras foram proferidas numa reunião associativa que se realizou em Forest Gate, no princípio do mês de Março, e para a qual foram convidados muitos clérigos Anglicanos. E disse mais o Pe. Keldany: «A ameaça do aniquilamento da Humanidade começa finalmente a obrigar os Cristãos a proceder como nosso Senhor, no princípio, Ihes ordenou». (Church Times, 17-III-1961).

Por outro lado, o Oitavário para a Unidade já não começa na Festa da Cadeira de São Pedro, pois esta festa foi abolida. Os Católicos Romanos usam agora, no dia 18 de Janeiro, a Missa votiva «Para a Unidade dos Cristãos» título novo, que veio substituir o antigo mais agressivo «Para a Terminação do Cisma».

Cava bastante fundo e encontrarás algo de divino no coração humano.

Santo Agostinho

# COMO A COMUNHÃO ANGLICANA (1)

pode contribuir para uma maior união das Igrejas

Revmo. Bispo D. Plínio Leuer Simões (da Diocese Ocidental do Brasil)

*Com a devida vénia, temos a honra de transcrever uma parte da magnífica mensagem, dada por ocasião do 1 Congresso da Igreja Episcopal Brasileira, realizado em Porto Alegre, em Junho do ano passado, e cujo título completo foi: «Nosso lugar no Cristianismo e nossas relações com outras Comunhões». (2)*

*O ilustre Prelado e Autor desta mensagem é bastante conhecido em Portugal, pois foi um dos três Bispos que em 1958 sagrou em Lisboa o primeiro Bispo da Igreja Lusitana, D. António F. Fiandor.*

«Um Cristianismo que se apresenta dividido ao mundo não pode ser o Cristianismo vivido pelo próprio Cristo. Pois sempre houve, e continua havendo, o perigo de grupos de Cristãos exagerarem certos aspectos da Igreja em detrimento de outros. O Cisma não somente divide, como também leva no seu bojo o germen da separação. Comunhão alguma pode apresentar-se como padrão, nem tampouco, por si só, ministrar a plenitude da graça de Cristo. Portanto, numa igreja dividida, nenhuma das partes é possuidora da plena Catholicidade.

Entretanto, admitimos que o Espírito Santo age em qualquer igreja, cujos membros vivem no espírito de Cristo e se tornam participantes da comunidade redimida. Deus faz uso de tais grupos como instrumento em Suas mãos para atingir os objectivos da Igreja estabelecida por nosso Senhor Jesus Cristo.

Sendo assim, não vemos como se possa afirmar categoricamente: «Esta Igreja é verdadeira e aquela não o é». É possível que uma determinada Comunhão Cristã, por suas características, possa aproximar-se mais do que se concebe como sendo a Igreja de Cristo em sua plenitude, mas as suas imperfeições não lhe permitem julgar-se merecedora de ser a verdadeira.

Temos todos de reconhecer, como igrejas separadas, que necessitamos de corrigir as nossas imperfeições com aqueles elementos da verdade que foram assimilados de modo mais feliz por outras comunhões. Mas isto somente será pos-

sível na Igreja unificada, para o seio da qual cada igreja separada possa levar as suas características próprias, que venham a fundir-se num processo de edificação e aperfeiçoamento mútuos. Para tanto, deverá haver acordo no que seja essencial, e boa dose de liberdade no que for secundário. A união das igrejas jamais poderá resultar da submissão de uma determinada igreja a outra, mas todas têm de reconhecer, com humildade, que sempre existe algo que se pode aceitar de outrem, visando ao aperfeiçoamento geral.

Se esta é a posição ideal, se este é realmente, o caminho a seguir, qual seria, então, a contribuição especial que a Comunhão Anglicana poderia oferecer com vistas à Igreja Unida do futuro?

Creemos que o Conselho Mundial de Igrejas, reunido na cidade de Amsterdã em 1948, estava certo, ao afirmar que «o abismo que nos separa são as tradições católica e protestante». Se, de fato, assim é, a Comunhão Anglicana tem realmente uma contribuição muito especial a fazer, pois ela, mais do que qualquer outra, pela graça de Deus, tem procurado manter unidas, numa comunhão visível e espiritual, ambas as tradições: a católica e a protestante.

Admitimos que existem grupos de cristãos que ressaltam com mais propriedade do que nós os elementos característicos do «Protestantismo». Reconhecemos, também, que existem outros grupos que dão mais ênfase do que nós às características do «Catholicismo», mas queremos crer que dificilmente uma comunhão cristã possa oferecer esta contribuição peculiar do Anglicanismo, isto é: de manter unidas as tradições católica e protestante, num mesmo corpo, prova de que ambas as tradições não precisam ser tão contraditórias que tenham de viver, necessariamente, separadas.

(1) — Como já temos referido várias vezes a posição eclesiástica da Igreja Lusitana é idêntica à das diferentes Igrejas nacionais que fazem parte da Comunhão Anglicana.

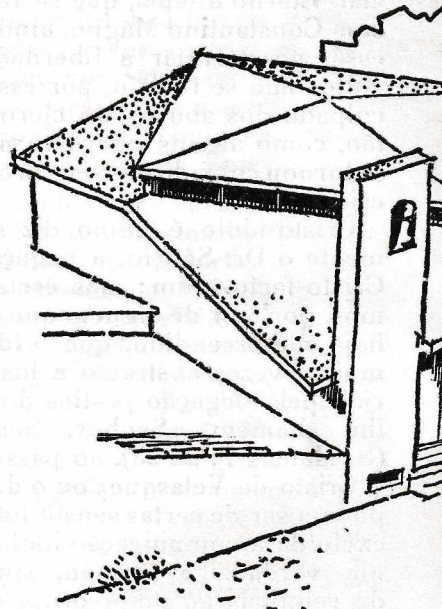
(2) — Do livro «A Igreja Episcopal no País do Futuro», Publicadora Ecclesia, Porto Alegre, Brasil 1961.

## Em prol da cons

Continua a subscrição em prol de ser construída ainda este ano, se a realidade permitir.

Os donativos devem ser enviados a: Torne, V. N. de Gaia, que preside à comissão, Manuel S. Campos, Largo do Conde, 12, Lisboa, jornal, Calçada das Lages, 6, Lisboa.

As pessoas que não possam esclarecer já com quanto desejam contribuir, como quiserem.



TRAI

General Timperman e esposa	.....
Joaquim Pina Cabral (em memória do s)	.....
Bárbara Vail	.....
Cândido Curto	.....
Piedade Rodrigues dos Santos	.....
Rev. Manuel Sousa Campos	.....
Venda de postais nas diferentes paróquias	.....
Margarida da Rosa (\$5.00)	.....
Raquel O'Hearn (\$5.00)	.....

A TF

## Imprensa

«A VOZ DA REFORMA» — Criação de Portugal uma nova revista de cultura da Igreja Evangélica Presbiteriana, e o primeiro amigo, Rev. Augusto Esperança.

«A Voz da Reforma», que se publica em Portugal e com valiosa leitura, plena de cristianismo mais puro e mais bíblico, traz a mensagem do Evangelho de Cristo ao mesmo tempo procura estreitar as relações entre as Igrejas Evangélicas da nossa Pátria. «O Despertar», congratulando-se com a publicação do Evangelho, que inicia a sua vida co-

Já enviaste a tua oferta para a con

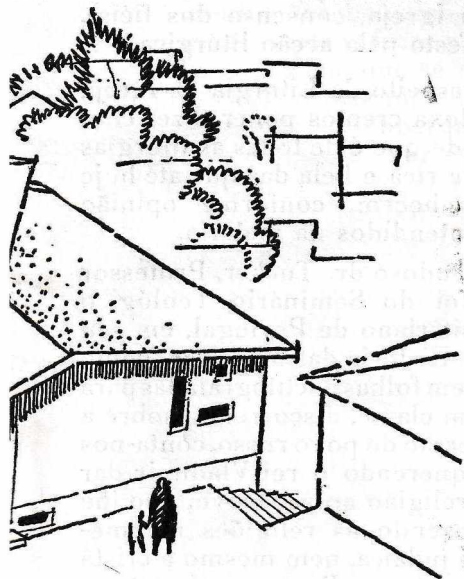
# rução do Templo

# A Igreja e o Ministério Histórico

a Igreja de Alcácer do Sal, que deverá  
posta dos membros da Igreja Lusitana a

ao Rev.º Bispo D. António F. Fiandor,  
ssão, ou ao Ministro da Igreja, Rev. Ma-  
/c., Alcácer do Sal, ou à Redacção deste

ur a quantia duma só vez, basta que de-  
r. O compromisso será depois satisfeito



IGREJA DE CRISTO REMIDOR  
ALCÁÇER DO SAL

PORTE . . . . .	87.527\$10
pai José de Pina Cabral) . . . . .	100\$00
. . . . .	500\$00
. . . . .	562\$00
. . . . .	30\$00
. . . . .	20\$00
. . . . .	500\$00
até ao presente . . . . .	286\$00
. . . . .	143\$00
. . . . .	143\$00
NSPORTAR . . . . .	89.811\$00

*Ensaio de Walter Herbert Stowe, historiógrafo da Igreja Protestante Episcopal nos Estados Unidos da América do Norte.*

Para o cristão pensante, há três grandes perguntas que exigem imperativamente respostas satisfatórias:

- 1) — Que pensar de Deus?
- 2) — Que pensar de Cristo?
- 3) — Que pensar da Igreja?

E' à volta da terceira pergunta que a discussão e a controvérsia andarão no futuro imediato, e, para uma resposta satisfatória à mesma, o problema do Ministério tem de ser considerado.

Em 1929, apareceu «A Igreja Primitiva», do falecido Cónego B. H. Streeter. No prefácio, o autor afirma: «O Episcopal, o Presbiteriano e o Independente, cada um pode descobrir (na Igreja Primitiva) o protótipo do sistema ao qual adere». E acrescenta: «Usando as palavras clássicas de «Alice no País das Maravilhas»: «todos ganharam, e todos terão prémios».

Porém, pelas palavras que ele mesmo apresenta, os prémios a que o Presbiteriano e o Independente terão direito não são iguais para todos.

Sessenta e um anos antes de aparecer o livro de Streeter, em

1868, Joseph B. Lightfoot (1822-1889), um dos maiores sábios anglicanos, posteriormente Bispo de Durham (1879-1889), no seu ensaio sobre «O MINISTÉRIO CRISTÃO», afirmou que Tiago, «o irmão do Senhor», tem direito a ser considerado como Bispo, no sentido recente e mais específico desse termo».

Decorridas quase duas gerações de investigação, Streeter viu-se obrigado a reafirmar a opinião de Lightfoot, em termos igualmente positivos, se não mais:

«Mas a posição de Tiago, como varão mais Velho da Casa Messiânica, fez com que na Igreja de Jerusalém houvesse, desde os mais primitivos tempos, uma pessoa singular, detidora de autoridade única, diferente em espécie da do presbítero ordinário. Desde o princípio, o governo desta Igreja era do tipo que se deverá designar pelo adjectivo «Mono-episcopal» — o qual eu usarei para significar a presidência de um «bispo» individual cujos poderes são confessadamente muito maiores do que os de *primus inter pares* em relação aos presbíteros».

Compare-se esta afirmação com as palavras de abertura do Prefácio do Ordinal no Livro de Oração Comum:

«A todos os que têm lido com atenção as Santas Escrituras e os autores antigos é evidente que, desde o tempo dos Apóstolos, existem na Igreja de Cristo estas três ordens de Ministros: Bispos, Presbíteros e Diáconos».

Streeter também concorda com Lightfoot em que o episcopado foi estabelecido na A'sia Menor, cuja capital era E'feso, antes de 100 A. D. e não contesta a afirmação de Lightfoot, segundo a qual:

«A A'sia Menor foi a ama, se não a mãe, do episcopado nas igrejas gentílicas. Uma tão importante instituição desenvolvendo-se numa comunidade cristã, de que S. João era o centro vivo e guia, dificilmente teria crescido sem a sua sanção; e... a tradição primitiva distintamente liga o seu nome à nomeação de bispos nestas paragens».

Por 150 A. D., o episcopado, segundo Lightfoot, estava firmemente

## Duma carta

Duma carta de Miss Bushby zelosa e activa cooperadora da Sociedade auxiliadora da Igreja Lusitana e grande amiga das Igrejas Católicas Reformadas da Península, transcrevemos os seguintes períodos:

«Gostei imenso do último número do Despertar e alegrou-me muito o saber da existência duma corrente a favor da celebração semanal da Sagrada Comunhão. Devo confessar que é algo que me tem feito falta nas minhas visitas a Espanha e a Portugal. Na Paróquia a que pertença, que é retintamente evangélica, celebra-se a Comunhão todos os Domingos às 8 da manhã e todos os dias santos do calendário às 8 e às 10.30. Há além disso outras celebrações mais tarde, no 1.º e 3.º Domingos de cada mês».

## Evangélica

este título acaba de ser publicado em bíblica e religiosa, órgão e propriedade cuja direcção foi entregue ao nosso dis-

presenta em óptimo formato, bem im- interesse, surge com o lema «por um e propõe-se trabalhar pela extensão da dos os corações que d'Ele anseiam. Ao s relações entre os membros das diver-

elo aparecimento deste novo arauto do ão elevado e entusiástico propósito e

(Continua na pág. 9)

(Continua na pág. 10)

# As Igrejas Orientais

Rev. Saul de Sousa

Hoje, mais do que nunca, mercê do Conselho Mundial de Igrejas Cristãs, vão-se divulgando entre nós ideias mais concretas acerca das Igrejas Orientais, nomeadamente, da Igreja Ortodoxa.

O aparecimento da Igreja Ortodoxa e de outras congéneres no referido Conselho veio, por um lado, despertar o interesse ou curiosidade de muitos em querer saber mais sobre elas; e, por outro, levantar celeuma que, diga-se de passagem, de certo modo, era de esperar.

Se tivermos em vista que o Conselho Mundial de Igrejas Cristãs não é uma «super Igreja» mas oportunidade de encontros entre cristãos de diversa formação teológica ou confissões diferentes, não nos surpreenderá o facto de que muitas Igrejas da Cristandade tenham ouvido o apelo para se unirem, tanto quanto possível, a fim de poderem encarar a sério as responsabilidades da hora presente. É evidente que daqui à perfeita unidade, há ainda muito caminho a percorrer... Todavia, a unidade dos Cristãos, como tem sido dito, apesar de todas as dificuldades do momento, não é um mito. Por ela orou nosso Senhor Jesus

## A Bem-aventurada Virgem Maria

(Continuação da pág. 3)

nos disse Ele? — «Vinde a Mim todos vós que andais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei».

Creemos que a moderna mariologia romana representa uma subversão do princípio evangélico da Encarnação: «De tal maneira amou Deus o Mundo que deu o Seu Filho unigénito, para que todo aquele que n'Ele crer não pereça, mas tenha a vida eterna». E o Filho Unigénito de Deus, Jesus de Nazaré, é o único e suficiente Mediador entre Deus e os homens. Só neste radical Cristianismo se revela e se honra a autêntica Virgem Maria; a outra, a do marianismo, é uma ficção humana estranha ao Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Daniel de Pina Cabral

Cristo: «Que todos sejam um... Eu neles, e Tu em Mim, para que sejam perfeitos em unidade, e para que o Mundo conheça que Tu Me enviaste»...

Mas enquanto a unidade pela qual Jesus orou não for factível em nós e entre nós, mercê de erros, preconceitos, e paixões humanas, de que não estamos isentos, aprendamos, para já, a nos conhecermos melhor uns aos outros.

Ao falarmos sobre as Igrejas Orientais, destacando a Ortodoxa, não temos a pretensão de esgotar o assunto. Em boa verdade, mal o afluiremos. O escopo do nosso Boletim, o espaço e o tempo de que dispomos, o próprio engenho, não nos permitem ir além da apresentação das linhas gerais do assunto que temos entre mãos.

A denominação de Igreja «Ortodoxa», nome por que é conhecida e pelo qual se faz chamar, derivou do facto dela se considerar guardiã da Doutrina e Tradição da Igreja Primitiva, desde os primeiros séculos e, mórmente, após o Cisma.

Nos primeiros dez séculos da Era Cristã as Igrejas Oriental e Latina eram unidas. Cedo, porém, por questões que em parte se explicam: diferenças rácicas, temperamentais, culturais, políticas, teológicas e acentuada sede de predomínio, cavaram o abismo da separação. Com efeito, as relações existentes entre Roma e Constantinopla, vinham sendo nos últimos anos cada vez mais tensas. O costume de usar pão asmo na Comunhão, em voga na Igreja Latina, deu, talvez, início ao azedume de relações entre Oriente e Ocidente; depois, a adição da palavra «Filioque» (e do Filho) ao Credo Niceno, rejeitada pelos orientais mas introduzida e mantida pelos ocidentais, agravou a situação que existia; finalmente, a pretensão do Patriarca de Roma a «Bispo Universal» teve como remate o inevitável: a separação entre as duas Igrejas.

A Igreja Ortodoxa está dividida em Patriarcados e estes em Dioceses e Igrejas nacionais autocéfalas ou autónomas. Reconhece Cristo como seu único Chefe Mantém intactos a Fé, Ordem e Sacramentos

da Igreja Primitiva. Aceita os sete primeiros Concílios da Igreja Indivisa como exposição sistemática da sua crença. Todavia, deve acrescentar-se, muitas das suas práticas, conforme ela mesma o afirma, não são produto de deliberações conciliares, mas do que está implicitamente contido na acção litúrgica da Igreja. Por isso a mais importante característica de doutrina, tradição ou costumes da Igreja Ortodoxa é, indubitavelmente, a Liturgia, ou, usando as suas próprias palavras, o «*consensus ecclesiae, consensus fidelum*» (consenso da Igreja, consenso dos fiéis), manifesto pela acção litúrgica.

A respeito da Liturgia da Igreja Ortodoxa cremos poder dizer com verdade que é de todas as liturgias a mais rica e bela das que até hoje se conhecem, conforme opinião dos entendidos na matéria.

O saudoso dr. Tucker, Professor que foi do Seminário Teológico Presbiteriano de Portugal, em seu livro «História das Missões», como antes em folhas dactilografadas para uso em classe, discorrendo sobre a conversão do povo russo, conta-nos que, querendo o rei Vladimir dar uma religião ao seu povo, não lhe satisfazendo as religiões maometana e judaica, nem mesmo a cristã observada em Roma, enviara também os seus delegados a Constantinopla com a finalidade de investigarem «*in loco*» algo sobre o tipo de religião cristã praticado ali. E acrescenta o Professor Tucker: «Os delegados russos chegaram à cidade por ocasião de uma grande festa na Igreja Ortodoxa Grega, e, ao sentarem-se no vasto Templo, ficaram deslumbrados pela vista dos padres com as suas vestes douradas, os coristas de branco e as milhares de luzes das velas que adornavam o edifício. Quando tudo terminou, cheios de pasmo, perguntaram ingenuamente ao Patriarca: «Os anjos também assistem aos vossos cultos? Nós vimo-los hoje, mas é assim sempre?» O Patriarca replicou calmamente: «Sim, os anjos estão sempre conosco no culto; vêm de Deus e vão para Deus como traço de união entre o culto divino e humano»...

Vladimir ficou tão impressionado que decidiu naquele mesmo momento que o seu país devia tornar-se cristão. Ele próprio deu o exemplo e em 988, com sua mulher Ana, irmã dum Imperador, e seus doze filhos foram baptizados



em Kief. (*extraído dos apontamentos usados em classe*).

Os quatro mais antigos e veneráveis Patriarcados da Igreja Ortodoxa são os de: Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém.

As seitas mais importantes oriundas da Igreja Ortodoxa, são: Os Velho-Crentes», «os Cristãos Espirituais», e os que constituem os chamados «Grupos Evangélicos».

Além da Igreja Ortodoxa há também outras Igrejas nacionais no Oriente. As mais importantes podem agrupar-se da seguinte maneira: pelo seu rito (*Armeniano, Nestoriano, Antioquiano ou Copta*); pela sua doutrina (*Monofisita ou Nestoriana*); pela língua usada na liturgia (*Arménia, Copta, Síriaca ou Árábica*).

Ainda que de passagem, enunciaremos algumas destas Igrejas e suas principais características:

a) *Igreja Arménia* — É de todas a mais numerosa das Igrejas orientais. O seu prestígio e influência faz-se sentir em todas as outras.

b) *Igreja da Síria* — É a mais antiga das Igrejas gentílicas. A sua capital é Antioquia, cuja Igreja foi fundada pelo Apóstolo S. Pedro. É representada por duas Comunidades distintas: a *Jacobita*, que nada tem digno de nota a não ser a sua doutrina, que é «monofisita»; e a *Maronita*, que está em comunhão com Roma.

c) *Igreja de S. Tomé* — Comunidade que se diz fundada pelo Apóstolo S. Tomé. Esteve muitos anos sob a influência Nestoriana. Mais tarde, porém, aderiu ao *monofisismo* da Síria e do Egipto pela influência de missionários portugueses, segundo se crê.

d) *Igreja Copta* — Fez-se representar nos primeiros três Concílios Ecuménicos. No quarto rejeitou os decretos de Calcedónia, protestando contra o que ela chamava «heterodoxia» tanto do Oriente como do Ocidente. Segundo o testemunho de alguns, esta Igreja contitui o «mais notável monumento do Cristianismo Primitivo».

e) *Igreja da Abissínia* — Apresenta características diferentes das demais. As controvérsias acerca da pessoa de Cristo, há muito extintas em outros lugares, são ainda ali calorosamente mantidas. Praticase não só o baptismo cristão como também a circuncisão hebraica; e tanto o sábado judaico como

# «O DESPERTAR»

A Direcção deste Boletim, oriundo como é sabido do Movimento de Renovação da Igreja (MORI-1950), e que aqui tem sido distribuído nas diferentes Paróquias aos membros da Igreja Lusitana, resolveu, no começo deste ano, iniciar o sistema de assinaturas por 5 números, pela quantia mínima de 10\$00, importância esta acessível a todas as bolsas. Os cinco primeiros números correspondem à sua publicação durante o ano de 1961.

A todas as pessoas que desejarem assinar «O Despertar», roga-

-se o favor de enviarem o seu pedido de assinatura e a respectiva importância ao Administrador de «O Despertar» Sr. Joaquim de Pina Cabral, ou entregá-las pessoalmente ao agente ou distribuidor do Jornal na sua própria Paróquia. As importâncias podem ser remetidas ao referido destinatário *por vale do correio ou em sêlos*.

Em *quadro de honra*, queremos hoje publicar o nome dos vinte primeiros que, prontamente, atenderam ao nosso apelo e aos quais desejamos manifestar a nossa gratidão.

1 — António José Lucas . . . . .	20\$00
2 — Biblioteca do Seminário Teológico Presbiteriano . . . . .	20\$00
3 — João Coelho Pereira Esteves . . . . .	20\$00
4 — Manuel Menezes . . . . .	10\$00
5 — Joaquim Santa Rita . . . . .	20\$00
6 — Isaura Tavares Martins . . . . .	10\$00
7 — João Pedro dos Santos Figueiredo . . . . .	15\$00
8 — Maria Antónia Castelo Branco . . . . .	10\$00
9 — Berta Morais Gançalves Pereira Merello . . . . .	10\$00
10 — Victor Duarte . . . . .	10\$00
11 — Dr. Ernesto Moreira . . . . .	20\$00
12 — Mário Castelo Branco . . . . .	20\$00
13 — Maria da Graça Nunes Rego . . . . .	15\$00
14 — Lucília Banheiro . . . . .	10000
15 — António Marinho Simões . . . . .	20\$00
16 — Isabel Luísa Freire . . . . .	10\$00
17 — António de Almeida Barros . . . . .	50\$00
18 — Piedade Rodrigues dos Santos . . . . .	10\$00
19 — D. António Ferreira Fiandor . . . . .	50\$00
20 — Rev. Luís Manuel Crespo . . . . .	100\$00

## Imprensa Evangélica

(Continuação da página central)

manifesto espírito cristão, pede a Deus, para o seu novo e auspicioso colega, as Suas mais ricas bênçãos e uma longa vida dedicada à Reforma da Igreja em Portugal, motivo por que todos afinal nos unimos em esforços e trabalhos.

«PORTUGAL EVANGÉLICO»  
— Apareceu completamente remo-

o domingo cristão são observados como dias santos de guarda. Além disso tem ainda outra particularidade curiosa: no seu calendário inclui Pôncio Pilatos entre os seus santos, pelo facto — diz-se — dele haver lavado as mãos quando do julgamento de Jesus, dizendo que estava inocente...

O assunto foi tratado, como no começo dissemos, a traços largos, apenas com o objectivo de dar um panorama geral das Igrejas Orientais e do que de mais importante ainda nos separa.

Saul de Sousa

delado este antigo órgão oficial da Igreja Metodista e cujas tradições jornalísticas, o que é reconhecido por todos os evangélicos portugueses, ganharam louros. Neste seu novo arranço, feito com tão expressivo número, não só pela boa forma tipográfica, mas também pelo merecimento da sua cuidadosa colaboração, fez bem evocar a personalidade marcante de jornalista que foi José António Fernandes, poeta igualmente de incontestável valor e que nos deixou uma obra. De facto com os olhos postos em tão elevado exemplo de pensador e denodado batalhador da Causa Evangélica, a Direcção deste mensário a cargo do nosso ilustre Amigo, Rev. Ireneu Cunha não poderia ter melhor iniciado a sua tarefa. Que Deus continue a abençoar os nossos irmãos metodistas no seu mensário, os quais escolheram para seu título o sugestivo nome de «Portugal Evangélico».

## A Igreja e o Ministério Histórico

(Conclusão da pág. central)

entrincheirado através de todo o mundo cristão:

«A História parece indicar dicisivamente que, antes dos meados do século segundo (150 A. D.), cada igreja ou comunidade cristã, organizada, tinha as suas três ordens de ministros: os seus bispos, os seus presbíteros e os seus diáconos. Neste ponto não pode haver, razoavelmente, duas opiniões.»

Streeter está em acordo substancial com esta opinião. Afirma que «nessa época, certa medida de estandarização era uma condição de sobrevivência»; que «no processo... o principal instrumento foi o episcopado monárquico»; e que pelo ano 180 A. D., o episcopado era «aceite através da Igreja Católica». E acrescenta:

« Não se contesta que por 200 A. D., um sistema de organização de igreja, uniforme na sua principal estrutura, passara a existir em todo o mundo cristão».

Aqui temos, pois, um facto impressionante: Século e meio antes da Igreja ter fixado a sua mente em relação à fórmula de sãs palavras, na qual a sua fé ficasse entesourada (Concílio de Niceia, 325 A. D., e mais de dois séculos antes de declarar definitivamente quais os livros que deviam ser considerados inspirados, como Escritura autorizada, e quais os que deviam ser (Terceiro Concílio de Cartago, 397 A. D.) — ela fixou a sua mente — Este e Oeste, Norte e Sul — em relação às ordens do Ministério pelo qual viria a ser legitimamente conduzida e governada; e à volta de 160 A. D., segundo Lightfoot, ou de 180, segundo Streeter, este Ministério Histórico de bispos, presbíteros e diáconos, tinha suplantado todas as outras formas de ministério que, antes, possam ter existido.

Se o Divino Espírito Santo guiou a Igreja na cristalização da sua fé no Credo Niceno, que poucos protestantes se dispõem a negar, se dirigiu a Igreja na fixação do Cãnone da Escritura, que praticamente todos os protestantes até ao dia de hoje aceitam, tão cheia de autoridade e vinculativa como a Palavra de Deus — como se pode negar, ou mesmo duvidar, que Ele dirigiu a Igreja na sua aceitação universal do tríptico ministério de bispos, presbíteros e diáconos?

Para o investigador isento é evidente que outras formas de ministério podem ter existido, num tempo ou noutro, neste ou naquele lugar, antes de 150 ou 180 A. D.; assim como é evidente para o crente no Credo de Nicéia que o Credo de Eusébio tinha autoridade em Cesaréa, antes do Concílio de Nicéia; ou tal como é evidente para quem aceite a autoridade do Cãnone das Escrituras que livros como a Epístola de Barnabé ou o Pastor de Hermas foram aceites como Escritura inspirada em certas áreas locais da Igreja antes do terceiro Concílio de Cartago. Contudo, é também da mais clara evidência ter sido sob a direcção do Ministério Histórico de bispos, presbíteros e diáconos que a Igreja efectuou estas duas grandes realizações: a cristalização da sua Fé numa fórmula de sólidas palavras; e a formação do Cãnone do Novo Testamento. Acerca desta última realização, um perito de renome em Novo Testamento, o Professor Ernesto F. Scott, disse:

«É um facto impressionante que os livros finalmente aprovados foram precisamente aqueles que seriam seleccionados por um estudioso moderno».

Se estas outras formas de ministério — o Presbíteriano e o Independente — existiram na Igreja Primitiva, por que foram elas tão primitivamente e tão universalmente suplantadas? Porque obviamente, elas não estavam à altura das missões que a Igreja teve de enfrentar:

1.º — Combater as perseguições de fora;

2.º — Destruir a heresia de dentro;

3.º — preservar a unidade da Igreja.

Portanto, segundo as provas apresentadas pelo próprio Cónego Streeter, os únicos prémios a que os não episcopais terão direito, na medida a que nos referimos à Igreja Primitiva, são prémios muito relativos. Quando muito, eles entraram na «competição»; mas perderam tão decisivamente, que durante 14 séculos ninguém sequer pretendeu que tivessem entrado alguma vez na corrida.

Tradução de D.P.C.

## NAQUELA NOITE

(Conclusão da pág. 2)

pascal; durante a vigília, liam-se entre outros trechos da Bíblia, as passagens do Êxodo em que se narra a saída do Egipto.

Mais uma vez estamos a comemorar a ressurreição do Senhor, que se seguiu à Sua morte na cruz. Foi a verdadeira Páscoa, a verdadeira passagem do Senhor em grande poder para nos libertar, a nós que nos encontrávamos na escravidão do pecado e da morte.

Ainda temos muito que andar, que aprender e talvez que sofrer até chegarmos à Pátria celeste. Temos porém a promessa de em todas essas coisas sermos mais do que vencedores por Aquele que por nós morreu e ressuscitou.

«Fomos sepultados com Ele na morte pelo Baptismo, para que como Cristo ressuscitou dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Oferecei-vos a Deus como resurrectos dentre os mortos... porque o pecado não terá domínio sobre vós» (S. Paulo aos Romanos c. 6).

Luis R. Pereira

## Notas e Comentários

(Conclusão da pág. 2)

Além desta fusão, está anunciado também, com especial interesse por toda a cristandade, a modificação da base do C. M. I. Esta não é um credo, mas uma afirmação de Fé, comum, entre as diferentes Igrejas, que permite uma colaboração franca, sincera e entusiástica.

A base proposta é concebida nestes termos: «O Conselho Ecuménico de Igrejas é uma associação fraternal das Igrejas que, segurando as Santas Escrituras, confessam Nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, e se esforçam por responder em conjunto à sua missão comum para glória do único Deus, Pai e Filho e Espírito Santo».

# Sermões de 5 minutos

«Por isso guardemos para o Senhor  
uma FESTA SANTA E ALEGRE»

Livro de Oração Comum, pág. 94  
1.ª Ep. aos Cor. 5:8

Rev. Agostinho Arbiol

A paz de Deus seja convosco.

As palavras «Páscoa» e «Resurreição» no seu sentido comum estão quase sempre em íntima relação entre si. Contudo, as suas definições não são as mesmas. Páscoa deriva do vocábulo hebraico Pasach que significa «passagem», referindo-se à passagem do anjo exterminador no Egípto, e ressurreição significa «transformação» segundo se depreende do ensino do Apóstolo S. Paulo, visto que o espírito não morrendo, não torna a viver no sentido que se atribue à palavra «ressurreição» mas transforma-se. (\*) A razão da afinidade destas duas palavras obedece ao facto de Nosso Senhor Jesus Cristo, depois de observar com os Seus discípulos a cerimónia da Páscoa judaica, em todos os seus detalhes, e ter instituído a Páscoa cristã composta de pão e vinho, símbolos do Seu corpo e do Seu sangue, morrer, segundo parece pela narrativa dos Evangelhos, no mesmo momento em que o cordeiro pascal era imolado no templo, durante a festa da Páscoa, e ressuscitar ainda durante o período da sua celebração. A Páscoa é a maior e mais antiga festividade dos judeus. A sua descrição, em pormenores, encontra-se no capítulo doze do Livro do Êxodo. Todavia, a ela não podemos deixar de nos referir. O sangue de um cordeiro de um ano e sem mancha, espargido nas umbreiras das portas dos israelitas foi o sinal para o primogénito de cada família ser poupado pelo anjo exterminador na sua passagem nocturna pelo Egípto. Em cada família dos egípcios, incluindo a do rei, por ignorância do acordo entre Moisés e o povo de Israel, morreu nessa noite o filho mais velho. Só depois desta calamidade, a maior das nove ocorridas antes, é que Faraó deixou sair o povo de Israel do seu país. Foi, portanto, o sangue dum cordeiro puro e sem mancha que

libertou esse povo da escravidão do Egípto, sob a tirania de Faraó. Semelhantemente, é também o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, o cordeiro de Deus, imolado na cruz do Calvário que liberta o ser humano da escravidão deste mundo sob a tirania do pecado. Em razão desta flagrante semelhança, tanto a festa da Páscoa dos Judeus como a dos cristãos são revestidas de muita alegria.

O sacramento da Santa Comunhão constituindo um memorial perpétuo da morte de Nosso Senhor Jesus Cristo para nossa salvação, é a maior «Festa» para todos aqueles que, com sincera fé e devoção, nele tomam parte. Na Igreja Lusitana esse sentimento de «festa» está bem patente nas palavras da liturgia que o celebrante diz antes do acto da Comunhão:

«Cristo, o nosso Cordeiro Pascal, foi sacrificado uma só vez sobre a cruz em prol de nós; por isso guardemos para o Senhor uma festa santa e alegre, não com o fermento velho, nem com o fermento da malícia e maldade, mas com o pão asmo da sinceridade e da verdade».

Este Sacramento envolve duas condições festivas: a da «comunhão» no sentido dos crentes se unirem para celebrar juntamente, em verdadeiro espírito de solidariedade, o glorioso dom da sua salvação com a presença espiritual do seu Salvador, e a da «santidade» no sentido de o fazerem com o coração cheio de amor e de perdão. A hora da refeição deve ser uma hora de paz, e carinhosas atenções como aquela que Nosso Senhor tomou, antes da Sua morte, com os Seus discípulos. A Sagrada Comunhão, qual refeição espiritual, deve ser para os crentes festa santa e alegre rescendendo ao sentimento que Jesus repetidamente exortou os discípulos a nutrir uns pelos ou-

## CALENDÁRIO DA IGREJA

### MAIO

- 1 — S. Filipe e S. Tiago. Liv. O. pg. 251. Cor lit.: Encarnada.
- 7 — 5.º Dom. depois da Páscoa. Liv. O. pg. 173. Cor lit.: Branca.
- 11 — Dia da Ascensão. Liv. O. pg. 175. Cor lit.: Branca.
- 14 — Dom. depois da Ascensão. Liv. O. pg. 177. Cor lit.: Branca.
- 21 — Dom. do Pentecostes. Liv. O. pg. 179. Cor lit.: Encarnada.
- 28 — Dom. da Trindade. Liv. O. pg. 182. Cor lit.: Branca.

### JUNHO

- 4 — 1.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 186. Cor lit.: Verde
- 11 — Dia de S. Barnabé. Liv. O. pg. 253. Cor lit.: Encarnada. (2.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 188).
- 18 — 3.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 190. Cor lit.: Verde.
- 24 — Dia de S. João Baptista (natividade). Liv. O. pg. 255. Cor lit.: Branca.
- 25 — 4.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 192. Cor lit.: Verde.
- 29 — Dia de S. Pedro. Liv. O. pg. 258. Cor lit.: Encarnada.

### JULHO

- 2 — 5.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 194. Cor lit.: Verde.
- 9 — 6.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 196. Cor lit.: Verde.
- 16 — 7.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 198. Cor lit.: Verde.
- 23 — 8.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 199. Cor lit.: Verde.
- 25 — Dia de S. Tiago. Liv. O. pg. 260. Cor lit.: Encarnada.
- 30 — 9.º Dom. depois da Trindade. Liv. O. pg. 201. Cor lit.: Verde

tros por meio deste e de outros preceitos semelhantes: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei». (S. João 15:12).

Uma das características da Páscoa dos Judeus que se celebrava no mês de Nizan, o primeiro do ano eclesiástico e que corresponde a Março-Abril, e durava oito dias a partir rigorosamente do dia décimo quinto, era a observância do descanso no primeiro e oitavo dias. O descanso foi e há-de ser sempre a principal característica duma festa. Se a Páscoa evoca a morte do Filho de Deus, evoca também a Sua resurreição, e como esta se observou no primeiro dia da semana que corresponde ao Domingo, este é bem o dia indicado para o «descanso» dos crentes porque a resurreição é passo importante e decisivo para o gozo do verdadeiro descanso que os espera no Céu.

(\*) — Sobre este assunto, faremos um estudo especial oportunamente.

# PELA IGREJA

## Notícias do Brasil

### 12.º Concílio da Diocese do Brasil Central I. E. B.

No mês findo, instalou-se na Paróquia da SS. Trindade, na cidade de S. Paulo, no Estado do mesmo nome, o 12.º Concílio da Diocese do Brasil Central da Igreja Episcopal Brasileira, presidido por Sua Ex.ª Rev.ª D. Edmund K. Sherrill.

Os trabalhos conciliares foram abertos com a celebração da SS. Eucaristia, tendo ocupado, nessa ocasião, a sacra-tribuna o Rev.º Bispo Sherrill.

O Rev. Joseph G. Moore, do Departamento das Missões Além Mar da Igreja Episcopal dos Estados Unidos da América, que está fazendo o levantamento estatístico religioso em diversos países do mundo, discorreu longamente sobre o trabalho que fará no Brasil.

O Rev. Samuel Kainuma, do Estado do Paraná, discorreu sobre a importante tese «O que é a conversão». Os Revs. Curt Kleeman e David Wender, do Estado da Guanabara, sobre «O que é mordomia», discorrendo sobre os seus diversos ângulos.

A reunião tanto do dito Concílio como da Federação das Sociedades Auxiliadoras de Senhoras da mencionada Diocese, foram, grandemente, concorridas e animadas.

O Rev. Dr. Octacilio M. da Costa, do Estado do Rio de Janeiro, propôs e foi aprovado, que o Concílio oficiasse ao Presidente do Conselho Nacional da Igreja Episcopal Brasileira, pleiteando duas bolsas de estudos no Seminário Episcopal a ser concedidas a jovens portugueses que aspiram ao sagrado Ministério da Igreja Lusitana.

### Rev. Dr. Octacilio M. da Costa

O Rev. Dr. Octacilio Moreira da Costa, provedor da cidade de Meninos São Paulo Apóstolo, ministro da Capela de Santo Estêvão, em Petrópolis, cidade fundada por D. Pedro II, no Estado do Rio de Janeiro, e procurador eclesiástico da Diocese do Brasil Central, pretende, ainda este ano, visitar Portugal.

O Rev. Octacilio é formado em teologia e direito, sendo juiz aposentado pelo Estado do Rio Grande do Sul, tendo ocupado cargos de destaque no mencionado Estado, entre estes de professor do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, de Delegado do Instituto dos Comerciantes, de Conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil e do Instituto dos Advogados do R. G. S., bem como de consultor jurídico do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do referido Estado.

É plano do Rev. Octacilio M. da Costa, visitar diversas congregações da Igreja Lusitana, a fim de entrelaçar mais os laços de amizade entre as Igrejas Episcopais do Brasil e Portugal.

## Notícias de Portugal

### União Portuguesa de Esforço Cristão (UPEC)

No dia 30 de Janeiro, a convite da Sociedade de Esforço Cristão do Prado, o Rev. Agostinho Arbiol e o Sr. J. Lopes Pires, Presidente e Secretário geral da UPEC, realizaram uma sessão, integrada nas co-

memorações do 34.º aniversário daquela sociedade, sendo apresentado o relatório da delegação portuguesa a 59.ª e 62.ª Convenções conjuntas da Escócia e Grã-Bretanha, com projecções luminosas das diversas actividades destas Convenções, assim como da 1.ª Convenção Portuguesa de Esforço Cristão e outras actividades promovidas pela UPEC desde a sua fundação.

No dia 2 de Fevereiro em que se comemora em todo o mundo a fundação do Esforço Cristão por Dr. Francis E. Clark, nos Estados Unidos, o culto na Igreja de S. João Evangelista foi especialmente dedicado a este movimento «Por Cristo e sua Igreja» tendo o pároco lido a história da fundação da primeira Sociedade de E. C. na paróquia de Williston, Portland-Maine, Estados Unidos, elido alguns pensamentos da sua mensagem apresentada na 1.ª Convenção Portuguesa, no dia 1 de Fevereiro de 1960.

No dia 4, integrado nas comemorações, realizou-se um colóquio, servindo-se chá, aos dirigentes das diversas Sociedades de Esforço Cristão. Este colóquio que foi muito útil realizou-se na A. C. M.

No Domingo, dia 5, foram elevadas orações ao Senhor pela obra do Esforço Cristão, nas Igrejas que têm sociedades anexas.

\* \*

No dia 6 de Abril próximo realiza-se às 21 horas, na A. C. M., sede provisória da UPEC, a celebração do 2.º aniversário da sua fundação, devendo dar-nos a honra da sua presença o Sr. Harold E. Westerhoff, Secretário Mundial do Esforço Cristão, que actualmente está viajando em serviço do movimento do Esforço Crstão.

### Beneficência Evangélica do Porto

Por deliberação da Direcção desta importante Instituição de caridade, foi o Rev. A. F. Arbiol, indicado para realizar reuniões devocionais na referida Instituição, o que tem sido feito a partir do dia 27 de Janeiro, às sextas-feiras, das 18 às 19 horas.

## Notícias Paroquiais

### Paróquia de S. João Evangelista V. N. de Gaia

#### Junta Paroquial

No domingo 12 de Fevereiro, após o culto da manhã, teve lugar a eleição da Junta Paroquial para o ano de 1961, tendo sido eleitos os seguintes membros da Igreja: Custódio dos Santos, Manuel José Filipe Júnior, Francisco Mário Varela da Silva, Joaquim Pinto de Almeida Júnior, J. Lopes Pires e Alípio Rodas.

#### Concursos Bíblicos

Têm despertado grande interesse da parte da juventude da Igreja os Concursos Bíblicos mensais e especiais. No domingo 26 de Fevereiro realizou-se um sobre o Livro dos Salmos, a título experimental, depois de, com antecedência terem sido distribuídos os elementos para estudo O Concurso definitivo realizou-se no domingo 12 de Março, tendo sido registadas esplêndidas classificações. Estão já em preparação os futuros Concursos que versarão sobre o Livro de Ester e o Livro de Salmos (2.ª-fase).

### Liga de Esforço Cristão de Gaia

Realizou-se no domingo 19 de Fevereiro, a eleição dos membros da Direcção, tendo sido eleitos os irmãos: J. Lopes Pires, Fernando Júlio Santos Silva, Luís de Almeida, Manuel Joaquim de Pina Cabral, Odete Pinheiro e Virgínia de Oliveira Silva. O trabalho que esta Liga tem feito junto das Missões da Igreja tem sido muito útil e animador.

### Paróquia da Catedral de S. Paulo Lisboa

#### Dr. Ayres Serrano e Silva

Acaba de chegar de Paris e Madrid o Dr. Ayres S. e Silva, membro desta Paróquia e Diácono-Eleito da Igreja que, em comissão de serviço do Hospital de Santa Maria, se deslocou àquelas capitais para estudo de serviços especializados de urgência hospitalar. Que Deus o abençoe na sua carreira e estudos, são os desejos de «O Despertar».

### Sociedade de Senhoras

Por iniciativa desta Sociedade, realizou-se no dia 18 de Março um interessante concurso de doces, tendo havido prémios para as melhores doceiras. O primeiro prémio foi atribuído à eclesiana Sr.ª D. Ilda Nunes. No fim foram leiloados os doces apresentados, sendo o produto muito animador, pois se elevou a mais de mil escudos. Esta receita é em benefício da compra dum Pia Baptismal, condigna com a Paróquia desta Catedral.

### Paróquia de Cristo Remidor Alcácer do Sal

#### Novo templo a Construir

A Junta Paroquial, tal como toda a congregação e o seu pároco, manifestam-se muito gratos a todos os irmãos que têm contribuído generosamente para a construção do novo templo. Esperamos em Deus que as obras possam começar o mais breve possível com o que já temos, segundo o desejo manifestado pelo nosso Bispo.

#### Visita do Bispo-Eleito

Visitou-nos no dia 12 de Março o Rev.º Bispo-Eleito que além de ter celebrado a Eucaristia acolitado pelo ministro local, nos mimoseou com a projecção de um pequeno filme alusivo à Quaresma. O número de presenças duplicou e o facto de termos visto a igreja repleta, fez-nos aspirar uma vez mais pela aquisição de um pequeno projector, a fim de por este meio «audio-visual» podermos ajudar melhor a Escola Dominical, chamando «os que estão de fora».

#### Programa de actividades

Está já em vigor um programa definitivo de trabalhos na Igreja que inclui, além de dois serviços a meio da semana, o ensaio de hinos e antifonário, e outras actividades, possíveis agora, por existir um ministro residente.